

Zen é uma edição de luxo. Entre todas as fantasmagorias inventadas pelo anti-espírito é ele a mais bela, a mais sutil, a mais enganadora, a mais difícil de ser desvendada, a mais espiritual e, portanto, a mais tenebrosa. Tem sido planejado com astúcia: pelo caminho da arte, envolto no manto da ética, escondido no cavalo trojano da estética, pretende Zen a destruição do Ocidente judeo-cristão.

2 Quando temos a apostilha comovedora do "arco e da flecha" literalmente, isto é tal qual deve ser lida, percebemos uma seleção encantadora e enganadora de absurdos aparentemente semeados ao acaso e a qual se nos oferece em trajes de uma linguagem elevada e aparentemente até casta. Acontece que, após surpresa inicial, e a despeito de toda deferência <sup>literária</sup> diante uma obra ostentivamente pequena e despretenciosa, notamos cedo que estão nos mentindo pela verdade. "Intenção não intencional, arte sem artifício" e assim em diante: originalismos e artemanhas dessa espécie pululam. Surgem eles da bodega de um feiticeiro que consegue seduzir o seu público aficionado a tal ponto, que este se deixa enganar, embora o remédio falsificado seja distingível a olho nu.

Diz o feiticeiro: "Vós, os artistas que vens até a mim: recalqueis inibição, intenção, consciência, intuição, revelação, principalmente Deus! Recalqueis tudo isto por exercícios persistentes. Exerciteis esse recalque estudiosamente, até que tenhais a impressão de ter igualado o mestre, de sentir-vos finalmente mais leves. Então a vossa intenção tornar-se-á espontânea, a sua arte autêntica inebriantemente. Tereis reconquistado a ingenuidade, a descoberta, a plena liberdade e naturalidade. Tereis voltado ao estado da inocência. O pecado original terá sido superado, a árvore da vida será sua. Estará em vossa frente o caminho "através da eternidade e infinitude que conduz até a meta". Inclinaí-vos diante do Buddha!"

Prosegue o feiticeiro: "Vós, os artistas, sereis como Deus, por certo não como aquele Deus dos Judeus e dos Cristãos, portanto um Deus vingador e misericordioso. Sereis como um Deus magnífico diferente, como um Deus infinito do Nada preenche de felicidade, um Deus da dissolução da existência terrena aniquiladora. Sereis liberados da miséria dos vossos Eus absurdos, e sereis recolhidos suavemente pelo Se majestoso e alheio ao sofrimento. Vossa morada será a torre de marfim, vossa música o gongo de bronze, e sereis mais que um Deus, pois este se salvará em vós.

Ouçam as minhas palavras, artistas do mundo inteiro: a suspeita que a arte brota da alma foi revelada ser erro da ciência. Não há alma. E por não haver alma, não haveria arte, não tivesse o Se assumido o papel dos vossos Eus supersticiosos. Do se surge o múltiplo, a fonte salvadora de toda libertação e intuição. No Se origina a beleza perfeita de todas as coisas, do se provem toda estética, do Se todo belo e verdadeiro, ou, melhor dito: belo portanto verdadeiro. Ouçam o que vos digo: Vosso Eu antigo é vosso homem antigo o qual deveis despir, e o Se é o homem novo o qual deveis vestir. Então estareis amadurecidos para a vida futura em Nirvana do Buddha, aonde o amor doloroso se transfigura pela sede saciada da vida em hálito fresco balsâmico da minha eternidade."

Esta a minha contribuição <sup>esta</sup> irônica e exasperada ao Zen. Confesso, sou partido, portanto polemico. Entretanto, não utilizei a palavra "diabo". Não seja ele nem pensado. Uma única vez recorri a palavra "anti-espírito". Tive o cuidado de não evoca-lo. Quero, ainda, evitar de parecer subjetivo, embora o seja. Para a exortação do diabo não há medicina mais eficiente que subjetividade. Objetividade é diabólica. O último parágrafo deverá fundamentar essa afirmação corajosa.

Para evitar a palavra-tabú do demônio, prefiro falar no Zen que não tenho receios de responsabilizar pelos espectros contra os quais me rebelo de maneira tão veemente. Não foi sem razão que os Judeus antigos foram proibidos, pelos dez mandamentos, em lugar proeminente, de não "fazer imagens" de Deus. Não foi sem razão que os primeiros cristãos eram livres da idolatria, e São Pedro articulou em uma das suas epístolas que o pecado entra pela vista. O Judaísmo e Cristianismo são antipagos, portanto em princípio contra as artes plásticas. Ambas religiões mosaicas eram ensinamentos éticos, e não estéticos. Porém agora temos o Zen. Zen como "deus ex máquina" da arte. Esta é a melhor e mais seca autorefutação desse assunto abismal.

Por muito tempo palrava o Ocidente em dúvida, se deveria voltar para a "imagem", portanto para a arte. Somente a partir do fim da gótica, por-

CONFIDENTIAL

tanto a partir do fim da Idade média, precipitou se ele dentro da orgia, e principiou a decaída, portanto a decadência, e não somente da arte. Ela inclui toda a ética e estética secular, também aquelas que se vestem em trajes religiosos. Por exemplo o renascimento e o barroco, que entendem por Deus a ser imitado a natureza. Evidentemente inclui mais claramente e decisivamente a arte moderna, importada do Oriente, sintoma e símbolo tardio do "Tao", aquele centro que é o não-centro, portanto o caos. "Doravante não há homem - não há Deus"!

Dissolução da ordem, aniquilação do Eu, substituição pelo Se, acompanham a "perda do centro" (Sedlmeyr), uma esquisitice da humanidade quase globalmente lastimada pelos psicólogos e psiquiatras com preocupação impotente. Acompanham a emancipação mal concebida da mulher, a calamidade de uma dissolução da família que se espalha diariamente e universalmente, a diminuição (quase desaparecimento) dos últimos restos do talento religioso e da receptividade do invisível, a platitudo e o desalamento (portanto literalmente: budhisação) da maior parte da humanidade atual, que parece ser incapaz de dar "o passo para trás". Para não falar das consequências sinistras da técnica. Ela corresponde à "sensualidade" que precede a inseminação artificial. Goethe sabia dela: veja "Faust, 2a. parte". Lá já fabricaram um homem, com efeito "em intenção não intencional e arte não artificial", totalmente objetivamente. Veja-se o homunculus, assistido por Mefisto com prazer indistinto. O bobo de um Wagner, isto é o homem do século vinte, caiu na cilada. Por direito deveríamos calar do Budhismo e, em consequência, do Zen.. Mas a consciência, aquela "voz Dei", não pode calar. Embora isto provoque a impressão do seitarismo. O Zen não passa de uma daquelas faces que aquele cujo nome não deve ser pronunciado usa. Ele é astuto. Ele "faz moda". Por exemplo, atualmente, "usa-se" Zen até na América. The new Look.

Parágrafo último: O diabo é provocado pela objetividade. Matéria e coisa são uma. Portanto é a palavra "objeto" sinônimo de "objetado". "Objetivo" é expulso da esfera da consciência do Eu, do subjetivo, para tornar-se "sachlich" (em alemão sachlich = ~~objetivo~~, ~~sem de se che = coisa~~). Isto não é um jogo de palavras ou sofismo. Não há nada mais "sachlich" que a alquimia, e ela é mãe da ciência natural atual, a qual faz lembrar, por exemplo, a bomba atômica salutar.

Um homem nos edifica quando excede a eficiência "Sachlichkeit", quando age de maneira inesperada, o que se torna RISCO do incomensurável, do subjetivo. Este risco, ele também, brota de uma despreensão, uma desobrigação e naturalidade, mas brota do lado oposto. Não é intenção não intencional (ação), mas não-intenção não intencional (reação), reação essa à tensão já existente. Consequentemente é a outra maneira de distensão, por exemplo daquela que reside na dissolução da oposição do Bem e do Mal, a saber a natural, a qual tem sido chamada outrora no Ocidente "Salvação": O Messias e o Cristo são, para o mundo, arquetipos do salvador, tendo judeus e cristãos em mente não "ação", mas "reação". O salvador repõe aquele estado, entre cujos sinais e tempos originais havia a inocência e a paz na terra. Mas estes não são moradas do nada, portanto do Nirvana no sentido budhista, mas são condições básicas, - e isto absolutamente positivas-, da criação divina. Porém isto é uma questão de fé.